

Alagoa Grande, Paraíba.

## O teatro revelou professores, alunos e cidadãos

ANA MARIA FALSARELLA

ANA GUEDES PINTO

ELOÍSA DE BLASIS\*

### Como tem Zé

Vige como tem Zé  
Zé de Baixo, Zé de Riba  
Tesconjuro com tanto Zé  
Como tem Zé lá na Paraíba.  
(...)  
É Zé João, Zé Pilão e Zé Maleta  
Zé Negão, Zé da Cota, Zé Quelé  
Todo mundo só tem uma receita  
Quando quer ter um filho só tem Zé  
E com essa franqueza que eu uso  
Eu repito e se zangue quem quiser  
Tanto Zé desse jeito é um abuso  
Mas o diabo é que eu me chamo Zé...

Letra de JACKSON DO PANDEIRO, músico e cantor, natural de Alagoa Grande, PB, “brejo paraibano”.

**Incrustada na microrregião serrana de Piemonte da Borborema**, no Estado da Paraíba, o município de Alagoa Grande — cujo primeiro nome foi Sertão do Paó — tem cerca de 30 mil habitantes e fica a 110 km da capital, João Pessoa. Com clima quente e úmido, nele há muitas cachoeiras e edificações de valor histórico — igrejas, casas, prédios públicos e engenhos — tombadas pela municipalidade. Entre elas está o Teatro Santa Ignez, terceiro mais antigo do Estado, construído em 1905.

\* ANA MARIA FALSARELLA é pedagoga, doutora em Educação, pesquisadora da área de Gestão Educacional do CENPEC e professora no curso de pedagogia da Uniban-SP.

ANA MARIA APARECIDA DE ABREU GUEDES PINTO é pedagoga, psicopedagoga e pesquisadora da área de Gestão Educacional do CENPEC.

ELOÍSA BARBOSA OLIVEIRA DE BLASIS é pedagoga e pesquisadora da área de Gestão Educacional do CENPEC.

### Alagoa Grande, PB



#### DADOS DO MUNICÍPIO

População rural: 12.320 habitantes

População urbana: 16.846 habitantes

Índice de Desenvolvimento Humano: IDH 0,609

Índice de Desenvolvimento Infantil: IDI 0,417 (Unicef)

#### INDICADORES EDUCACIONAIS

Analfabetismo na população acima de 15 anos: 67,1%

Estabelecimentos públicos de educação: 122

Número de professores: 295

Total de matrículas no município: 8.590

Rendimento escolar no ensino fundamental municipal

- Índice de aprovação: 64,0%

- Índice de reprovação: 19,3%

- Índice de abandono escolar: 16,7%

- Taxa de distorção idade-série: 75,3%

Fontes: INEP, Censo Escolar 2002; IBGE, Censo 2000; Unicef, 2002.

Terra natal do famoso ritmista Jackson do Pandeiro, a cidade abriga, ainda, a comunidade quilombola de Caina dos Crioulos, a 24 km do centro urbano, reconhecida pela Fundação Palmares. Por esses e outros motivos, é uma das mais belas opções turísticas do chamado “brejo paraibano”, o que não lhe exime de conviver com graves dificuldades sociais. As alternativas de trabalho são escassas na cidade, restritas quase que apenas ao comércio e à administração municipal. Em grau discreto, pratica-se a lavoura de subsistência — milho, feijão e mandioca — e a pecuária bovina, ovina e caprina.

A cidade sedia um curso de pedagogia em regime especial para professores da rede pública e tem como principal veículo de comunicação a Rádio Rural Guarabira.

### **Crianças e adolescentes apresentam 28 peças**

#### **Bem cedo, a equipe gestora da educação de Alagoa**

Grande percebeu que os problemas educacionais do município compunham um círculo vicioso: evasão e repetência geravam professores desmotivados, alunos desinteressados e pais distanciados da escola. Tudo isso, por seu turno, causava deficiências generalizadas no domínio, pelos alunos, da leitura e da escrita, origem dos crescentes índices de evasão e repetência escolar. A equipe sabia de antemão, também, que as verbas disponíveis para a educação eram poucas e que o currículo, distante da realidade local, era outra matriz de problemas.

Era preciso romper com esse círculo vicioso. Mas onde estaria a saída? Logo ficou claro: estava no estímulo à leitura e à escrita que, dominada, mudaria o curso das coisas, como num jogo de dominó, derrubando outras falhas dela conseqüentes.

Surgia então outra pergunta: como gerar interesse pelo aprendizado da leitura e da escrita? A resposta estava na própria cidade: a cultural local, ponto forte de Alagoa Grande.

Foi quando surgiu a idéia de abrir as portas do Teatro Santa Ignez para as escolas e para a própria comunidade, um patrimônio histórico que estava, então, subutilizado. Afinal, por que não tornar a marca cultural da cidade acessível a toda a população? Era preciso democratizar um espaço considerado de elite.

Nasceu assim a 1ª Mostra Teatral de Alagoa Grande: professores e alunos foram convidados a participar do

evento, permeado pelo estímulo à leitura e à escrita.

A equipe gestora mostrou sua capacidade, ao explorar os potenciais da comunidade, articulando apoios e entusiasmando pessoas e instituições a contribuírem, fazendo o projeto acontecer.

No governo municipal, obtivera, da Secretaria de Transportes, a locomoção dos alunos e, da Secretaria de Cultura, chancela para usar o Santa Ignez. Na comunidade, a primeira colaboração importante partiu da Rádio Rural Guarabira, que abriu sua programação para divulgar o acontecimento.

Outros apoios logo se somaram, como o do Grupo de Teatro Zoar, voltado ao trabalho com crianças e jovens, que se incumbiu de promover oficinas de voz, dicção e interpretação. Instituições bancárias e do comércio fizeram doações financeiras que permitiram a confecção dos figurinos e cenários.

Depois de dois meses de trabalho intenso, enfim, estava tudo pronto: o que se viu a partir da grande noite de estréia foram 28 peças, tendo as crianças e adolescentes da comunidade como protagonistas de uma temporada que agitou a cidade e deu o que falar durante uma semana inteira.

Certo! Tudo muito bacana. Mas como foi que tudo isso contribuiu para estimular a leitura e a escrita entre os alunos?

De muitas formas: primeiro, pelas pesquisas sobre arte cênica que eles tiveram que realizar, envolvendo o estudo de fábulas e temas sobre teatro; depois, pela elaboração dos próprios textos das peças encenadas e, ainda, por meio de exercícios nas oficinas de interpretação.

O processo é, todo ele, riquíssimo ao aprendizado, que acontece de forma lúdica, interativa, envolvente. Sem pressão por notas ou posturas hierárquicas, logo eles estavam exercitando a escrita, a leitura e a criação, sem que isso fosse uma obrigação imposta.

Símbolos comunitários são referenciais a todo cidadão. O uso do Teatro Santa Ignez, antigo espaço das elites locais, trouxe embutido um sentido especial de inclusão e pertencimento às crianças e jovens da comunidade, assim como o convívio entre os alunos da zona rural e da zona urbana e dos estudantes com os outros membros da comunidade, como os artistas e os oficineiros.

Nesse processo, puderam apreender várias regras de convívio social, como o respeito ao outro e ao ambiente, saber ouvir e preservar bens públicos — o teatro — etc.

*...percebemos que as  
soluções não são  
imediatas. Foi um  
aprendizado. Não se tem  
solução pronta para o  
problema da leitura e  
da escrita.*

Foram muitas as aprendizagens, mas a principal delas talvez tenha sido o fato de as crianças terem ficado com mais vontade de ir à escola, mais compromissadas com as tarefas e responsabilidades do aprendizado, levando o professor a vê-las de outra maneira, a acreditar mais em seus talentos. A comunidade se aproximou da escola, elo saudável para a continuidade das ações, garantindo, inclusive, a permanência da criança nas atividades do projeto, além do período de aulas.

Como destaca a Secretária Municipal de Educação, Maria Gorett Santos:

“Houve uma ‘familiarização’ das escolas. Antes, quase nem havia reuniões, porque as famílias apareciam só para reclamações e os pais nem iam às escolas. Agora, se encantaram com o teatro. As mães catavam retalhos nas costureiras da cidade para produzir os figurinos dos filhos... Melhorou também a participação dos membros da sociedade. Antes, as pessoas não queriam participar de jeito nenhum; hoje, parceiros estão se oferecendo. Surgiu, por consequência da Mostra de Teatro, até um movimento na cidade, os Sábados Culturais: a cada 15 dias, há uma apresentação de teatro, dança e música, acompanhada de feira, com produtos típicos do município”.

Como se vê, a educação ganhou adesões da população, passou a ser vista como responsabilidade de todos e as crianças e jovens mostraram que são capazes de aprender, quando isso se torna um prazer.

Em Alagoa Grande, a equipe da Secretaria Municipal de Educação transformou dificuldades em possibilidades e possibilidades em realidade.

Os problemas eram muitos: equipe pequena face à amplitude das tarefas; a eterna falta de recursos; a reduzida margem de autonomia diante das várias decisões a serem tomadas; formação insuficiente dos professores, resistência a mudanças; a dificuldade de envolvimento dos pais e da comunidade e, finalmente, a oposição política de partidos contrários ao que está no poder.

A despeito disso tudo, o gestor municipal conseguiu colocar muitas ações em marcha, extrapolando até mesmo os objetivos iniciais, movimento em que a aprendizagem do próprio gestor foi significativa. Ao lidar com a escassez de verbas, potencializou os recursos disponíveis e procurou apoio em outras instâncias — MEC e universidade, por exemplo.

O Programa Melhoria da Educação no Município possibilitou ganhos, principalmente, ao promover a discus-

são sobre os potenciais do município como Cidade Educadora, conforme comenta Mônica de Fátima Silva C. Pereira, Diretora de Apoio Administrativo da Secretaria Municipal de Educação:

“Com nossa participação no Programa Melhoria, aprendemos que é mais fácil aproximar escola e comunidade mobilizando-as por meio de áreas como a cultura, o esporte, a arte, o folclore e a história, e não apenas pelo currículo formal da educação”.

O sucesso desse primeiro projeto tornou possível que, no seguinte, dedicado a Jackson do Pandeiro, ilustre filho da cidade, a Prefeitura fosse mais ágil e generosa na liberação de recursos, como informa a Secretária de Educação Maria Gorett:

“Com a Mostra de Teatro, percebemos que as soluções não são imediatas. Foi um aprendizado. Não se tem solução pronta para o problema da leitura e da escrita. Agora, iniciamos nova fase. Traçamos nova Avaliação Diagnóstica, elegemos novo foco e traçamos novo Plano de Ação, ao qual chamamos ‘Um olhar sobre Alagoa Grande’. Nesse novo projeto, as escolas foram divididas por áreas, para estudar o nosso município, sua história, sua geografia e sua cultura. Toda a comunidade está participando. E até já estamos pensando no projeto de continuidade, para 2005: ‘Histórias, mitos e causos de Alagoa Grande’”.

A experiência da cidade nos deixa uma lição fundamental: na educação, as causas e as soluções dos problemas estão sempre interligadas.

#### **Textos e depoimentos de apoio**

“A comunidade não tinha a menor idéia do que se passava dentro da escola. Era como se fossem dois mundos: a escola um e a comunidade outro. (...) Estávamos buscando formas de fazer com que os alunos gostassem da escola, mostrando para os

*Tenho 12 anos e  
participei da peça  
Brasil Negro. Quero  
continuar a fazer teatro.  
Aprendi a pensar, a  
falar alto, a raciocinar  
tudo na cabeça.*

*professores que não é preciso ficar só na sala de aula, ser só professor conteudista, mas abrir para atividades extracurriculares também. Daí veio o interesse por resgatar o passado, a cultura, quando começamos a ver resultados em eventos como, por exemplo, a Mostra de Folclore. Aí vimos que as crianças se envolviam...*

MÔNICA DE FÁTIMA PEREIRA, coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Alagoa Grande, PB.

“*Tenho 12 anos e participei da apresentação da peça Brasil Negro, que me fez aprender muita coisa. Eu quero continuar a fazer peça de teatro. Aprendi a pensar, a falar alto, a raciocinar tudo na cabeça, a não ter vergonha quando for apresentar a peça. Aprendi a trabalhar em grupo, a não brigar com os colegas e a respeitar o próximo. O teatro me ajudou a melhorar minha leitura e escrita.*

MICHERLAINE NASCIMENTO, aluna da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anna Elisa Sobreira, sobre a I Mostra de Teatro Estudantil, promovida em 2003 pela SME de Alagoa Grande, PB.

“*Na escola, já fazíamos trabalhos teatrais. Mas nunca tivemos oportunidade de mostrar para a comunidade. Essa Mostra Teatral nos deu chance de mostrar que somos capazes, que temos talento; e ver nossa peça se desenvolver, sermos elogiados, chamados para apresentar nosso trabalho em outras escolas. É reconhecimento de um bom trabalho, é a certeza que valeu a pena nosso esforço.*

ROSÉLIA TARGINA DOS SANTOS, aluna da 4ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anna Elisa Sobreira, sobre a I Mostra de Teatro Estudantil, promovida em 2003 pela SME de Alagoa Grande, PB.

“*O trabalho com oficinas propõe que o conhecimento seja construído no e pelo grupo, nas funções de produzir os saberes e de aprendê-los. A concepção que embasa esse processo pressupõe tarefas e responsabilidades que envolvem as dimensões individual e coletiva. O professor é aquele que acompanha o processo, sempre pronto a ajudar seus alunos a resolver os problemas. Essas premissas estiveram presentes durante todo o desenvolvimento da Mostra Teatral.*

PATRÍCIA OLIVEIRA DA SILVA, pesquisadora da SME de Alagoa Grande, PB.

“*Por trás da arte cênica, tivemos outro objetivo subjacente. No fundo, a gente estava querendo levantar a auto-estima das crianças, mostrar do que são capazes, que realmente podem fazer muito. Descobrir dentro delas qualidades e habilidades. A partir daí elas passam a se interessar pela escola e em aprender a ler e escrever.*

VALDÉRIA LIMA ALVES SILVA, coordenadora da equipe gestora do município de Alagoa Grande, PB.

“*O grande problema, na realidade, é a repetência. Qual a causa da repetência? A criança não lê e nem escreve. Assim, acaba perdendo o interesse pela escola e é reprovada. Se for reprovada, possivelmente se evadirá. Se permanecer, vai sendo retida, gerando distorção série-idade.*

ALDENIR BARBOSA, integrante da equipe gestora do município de Alagoa Grande, PB.

“*As crianças e jovens mostraram que são capazes de aprender quando o aprender se torna um prazer. Junto com seus professores, com os gestores, com os parceiros, produziram ações ligadas à arte, à educação e à cultura. O pano de fundo era o ato de ler e escrever para a promoção da cidadania, o combate à pobreza cultural e à exclusão social.*

ALDIR BARBOSA DE SOUZA, técnico da SME de Alagoa Grande, PB.